

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

A Educação Como Ferramenta De Transformação Social Na Narrativa De Pepetela: Um Estudo Comparativo Entre As Aventuras De Ngunga E Mayombe

Education As A Tool For Social Transformation In Pepetela's Narrative: A Comparative Study Between The Adventures Of Ngunga And Mayombe

Leonildo Rocha - Escola Superior Pedagógica do Cuanza Norte

Henriques Samuel - Faculdade de Humanidades da UAN <https://orcid.org/0009-0002-1830-2579>

Resumo

Este artigo analisa a educação como instrumento de transformação social na narrativa de Pepetela, a partir de uma leitura comparativa entre *As Aventuras de Ngunga* (1972) e *Mayombe* (1980). A investigação demonstra que, em ambas as obras, a educação ultrapassa o domínio escolar e assume um papel político, ético e identitário, configurando-se como mecanismo de formação do sujeito angolano durante o período revolucionário. Em *Ngunga*, a educação orienta a construção moral de um jovem que aprende a distinguir valores, responsabilidades e compromissos num contexto de luta anticolonial. Em *Mayombe*, a educação apresenta-se diluída na convivência guerrilheira, onde o debate ideológico, o conflito interno e a prática colectiva moldam a consciência política dos combatentes. A análise comparativa revela que Pepetela concebe a educação como processo contínuo de emancipação, capaz de gerar indivíduos conscientes, críticos e comprometidos com a transformação social. Conclui-se que ambas as narrativas propõem modelos educativos complementares que reflectem, criticam e projetam a construção da sociedade angolana.

Palavras-Chave: Educação; Transformação Social; Literatura Angolana.

Abstract

This article analyses education as an instrument of social transformation in Pepetela's narrative, based on a comparative reading of *The Adventures of Ngunga* (1972) and *Mayombe* (1980). The study demonstrates that, in both works, education goes beyond the formal school sphere and assumes a political, ethical and identity-forming role, functioning as a mechanism for shaping the Angolan subject during the revolutionary period. In *Ngunga*, education guides the moral construction of a young protagonist who learns to distinguish values, responsibilities and commitments within a context of anti-colonial struggle. In *Mayombe*, education appears in a more diffuse form within guerrilla life, where ideological debate, internal conflict and collective practice shape the political consciousness of the combatants. The comparative analysis reveals that Pepetela conceives education as a continuous process of emancipation, capable of producing conscious, critical individuals committed to social transformation. It is concluded that both narratives propose complementary educational models that reflect, critique and project the construction of Angolan society.

Keywords: Education; Social Transformation; Angolan Literature.

Introdução

A educação, concebida como instrumento de emancipação individual e coletiva, ocupa um lugar central na literatura angolana comprometida com a transformação social. No período que antecede a independência, marcado por intensas tensões políticas, culturais e identitárias, a produção literária deixa de cumprir apenas uma função estética para se afirmar como espaço de reflexão crítica e de intervenção social. É nesse contexto que a obra de Pepetela se destaca, ao articular ficção, consciência histórica e projeto político.

A escolha das obras *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* justifica-se por ambas representarem momentos decisivos da história de Angola e evidenciarem, de modos distintos, a

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

centralidade da educação na formação do indivíduo e na construção da consciência nacional. Em *As Aventuras de Ngunga*, acompanha-se o percurso formativo de um jovem que aprende a interpretar a realidade que o rodeia e a assumir um papel ativo na luta pela libertação. Já em *Mayombe*, aprofunda-se a dimensão educativa no interior da guerrilha, mostrando como a convivência, o debate ideológico e o confronto de diferentes visões funcionam como processos pedagógicos fundamentais para a construção de identidades e valores coletivos.

Esta abordagem procura responder à seguinte questão central: de que modo a educação se manifesta como agente de transformação social nas duas narrativas? Tal problemática permite compreender a educação não apenas como alfabetização ou instrução formal, mas como um processo mais amplo de construção da consciência, de desenvolvimento do pensamento crítico e de interiorização de valores éticos e políticos que impulsionam a mudança social.

No que diz respeito ao enquadramento histórico, importa salientar que o período pré-independência foi caracterizado pela emergência de movimentos de libertação que visavam não só a ruptura política com o regime colonial, mas também a redefinição cultural e identitária da sociedade angolana. Inserida nesse cenário, a literatura assumiu uma clara missão sociopolítica, tornando-se um instrumento de denúncia, resistência e formação de consciências. Pepetela, enquanto escritor e militante, reflete nas suas obras essa estreita relação entre educação, luta política e transformação social.

As narrativas seleccionadas configuram-se, assim, como testemunhos literários de um projeto coletivo que procurou, por meio da formação e da consciência crítica, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, autónoma e consciente do seu próprio destino histórico.

Educação e transformação social

A análise da educação como força de transformação social nas obras *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* exige a distinção entre educação formal e educação sociopolítica, uma vez que Pepetela trabalha ambas de forma complementar no seu projeto literário e ideológico.

A educação formal, ainda que limitada pelo contexto da guerrilha colonial, associa-se à instrução escolar e ao ensino estruturado e manifesta-se sobretudo em *As Aventuras de Ngunga*. A obra apresenta o contacto inicial do protagonista com a escola e com a ideia de aprendizagem sistematizada, como se observa no excerto em que Ngunga demonstra estranhamento diante desse espaço desconhecido. A figura do professor, o ato de alfabetizar e a valorização do conhecimento organizado representam a tentativa de construção de uma nova consciência nacional. Ao aprender a ler e a escrever, Ngunga passa a interpretar o mundo de forma mais crítica e a compreender normas sociais, revelando que a alfabetização é entendida como um passo fundamental para a participação ativa na sociedade. Essa educação simboliza o rompimento com o modelo colonial, historicamente

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

marcado pela exclusão da maioria da população do acesso ao saber. Assim, a escola, sob a orientação do movimento de libertação, transforma-se num espaço de reconstrução identitária e de afirmação cultural.

Por outro lado, a educação sociopolítica manifesta-se de forma mais intensa em *Mayombe*, onde o processo de aprendizagem ocorre fora do espaço escolar. Os guerrilheiros aprendem por meio da convivência, do debate ideológico, da reflexão coletiva e da experiência direta da luta armada. A floresta assume simbolicamente o papel de “sala de aula”, enquanto a guerrilha se converte num espaço de formação política. As trocas de ideias entre personagens como Sem Medo, Teoria e Lutamos constituem um processo educativo contínuo, no qual cada militante é levado a rever preconceitos, a compreender conflitos culturais internos e a reforçar o compromisso com a libertação. Nesse contexto, a educação política torna-se condição essencial para a coesão do grupo e para a própria sobrevivência da luta.

Os diálogos que abordam a necessidade do estudo, mesmo em meio à guerra, evidenciam que o conhecimento é visto como indispensável não apenas para o presente da luta armada, mas também para o futuro da sociedade a ser construída após a independência. A crítica à recusa do estudo revela a consciência de que a libertação política deve ser acompanhada pela formação intelectual e cívica dos indivíduos.

Em ambas as narrativas, a pedagogia assume um papel de emancipação coletiva. Em *As Aventuras de Ngunga*, a emancipação ocorre sobretudo por meio da alfabetização e da formação de uma consciência cívica; em *Mayombe*, concretiza-se pela construção da unidade política e pela superação de tensões étnicas e ideológicas. Pepetela apresenta a educação não como mera transmissão de conteúdos, mas como formação crítica, diálogo e construção de valores, elementos fundamentais para a transformação social no contexto da luta anticolonial.

Dessa forma, a educação nas duas obras ultrapassa a dimensão individual do aprendiz e converte-se num projeto coletivo de renovação social, orientado para a construção de uma Angola livre, justa e consciente. A transformação do sujeito — seja Ngunga, seja o guerrilheiro anônimo marcado por conflitos internos — simboliza a transformação da própria sociedade angolana que se pretende edificar. Ao narrar esses processos educativos, Pepetela afirma a literatura como espaço de reflexão crítica e, simultaneamente, de intervenção na realidade histórica.

A relevância de Pepetela na construção da memória nacional

O valor de testemunho dos romances de Pepetela está diretamente relacionado à sua experiência não apenas como guerrilheiro na luta de libertação de Angola e governante no período pós-independência, mas também como ator social que, por vezes, se encontrou nas fronteiras existentes tanto dentro do país quanto fora dele, utilizando a escrita literária como meio de expressão.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

As suas escolhas literárias atravessam diversas inquietações que marcaram o processo de construção do Estado e da nação angolana. A sua transformação em homem público e intelectual angolano dialoga profundamente com essas questões (Machado, 2019, p. 3).

Assim, a obra de Pepetela ocupa um lugar central na consolidação da memória histórica e identitária de Angola, sobretudo por articular literatura, reflexão política e testemunho direto da luta de libertação. A sua escrita não se limita à narração de acontecimentos, mas organiza, interpreta e preserva experiências coletivas que constituem o núcleo da memória nacional. Essa função torna-se particularmente evidente em *As Aventuras de Ngunga e Mayombe*, narrativas que registam, de forma literária, dois momentos decisivos da formação da consciência angolana.

Em primeiro lugar, Pepetela contribui para a memória nacional ao reconstruir a luta anticolonial a partir de dentro. Como antigo guerrilheiro do MPLA, transporta para a ficção vivências, tensões internas, debates ideológicos e contradições do movimento, oferecendo uma visão plural da libertação. Nesse sentido, a sua obra insere-se numa tradição literária em que a resistência, a afirmação identitária, a construção da nação, o projeto utópico e a valorização de um passado histórico constituem marcas fundamentais do discurso literário angolano (Machado, 2019, p. 15).

Mayombe é exemplar nesse aspeto, pois descreve a guerrilha não como um bloco homogêneo, mas como um espaço marcado pela diversidade étnica, por conflitos pessoais, reflexões políticas e processos educativos. A memória da luta é, assim, preservada com complexidade e autenticidade, afastando leituras simplistas e idealizadas.

(...) O barulho trouxe o Chefe de Operações.

– Que se passa aqui?

– O camarada Pangu-Akitina veio aqui insultar-nos – disse o chefe de grupo Kiluanje.

– Não – disse Teoria. – Começaram a discutir, tentei interromper, mas dum lado e do outro não queriam parar.

– Mas quem é que está a falar agora, a provocar? – disse Kiluanje. – Nós calámo-nos, quando vimos o que Pangu queria. Mas ele continuou, continuou. Agora chamou-nos escravos dos kikongos...

– É mentira! – disse Pangu-Akitina.

– É verdade! – disse Ekuikui. – Você foi burro, perdeu a cabeça, era o que eles queriam. Disseste, sim, isso. Mas quem puxou a conversa foram eles e depois aqueceu. Não foi o Pangu que veio aqui insultar.

– Bem, o Comando vai resolver isso depois – disse o Chefe de Operações. – E agora dispersem!

Indo para o quarto que partilhavam, Ekuikui disse a Teoria:

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

- Não sei se o Pangu foi só levado ou se queria mesmo arranjar uma maka.
- Os outros foram malandros. Irritaram-no e depois calaram-se, para ser ele a enterrar-se. Ele reagiu por tribalismo.
- Claro, camarada professor. Mas parece-me que ele sabia disso e não se importou. Estava a fazer de propósito.
- Para provocar? (...) (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 65).

Em *As Aventuras de Ngunga*, Pepetela regista outra dimensão fundamental da memória nacional: a formação da juventude como pilar da nova Angola. O percurso de Ngunga reflete o momento em que a alfabetização, a consciência cívica e o despertar identitário assumem importância decisiva no combate ao colonialismo. Ao inscrever no imaginário coletivo a figura do jovem que aprende — ou que precisa aprender — para transformar, o autor constrói uma memória pedagógica da libertação, evidenciando que a independência não foi apenas um ato militar, mas também um processo educativo.

- Ngunga, tu és pequeno demais para ser guerrilheiro. Aqui já te disse que não podes ficar. Andar só, como fazes, não é bom. Um dia vai acontecer-te uma coisa má. E não estás a aprender nada.
- Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas. Oiço o que falam. Estou a aprender.
- Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor? Diz-me com que é que se parece um professor? Vais conhecer a escola. Eu parto amanhã e tu vais comigo. (Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, p. 21).

A relevância de Pepetela na construção da memória nacional decorre ainda da forma como valoriza culturas, línguas e identidades angolanas, integrando-as na narrativa literária. Os diálogos entre personagens de diferentes grupos étnicos, frequentes em *Mayombe*, revelam a diversidade interna do país e sublinham a necessidade de um projeto nacional inclusivo. A literatura torna-se, desse modo, um espaço de reconhecimento e legitimação das múltiplas “Angolas” que compõem a nação.

Ao mesmo tempo, o autor desempenha uma função crítica na construção da memória nacional, ao questionar mitos, denunciar incoerências e problematizar tanto a herança colonial quanto as contradições do período pós-colonial. Em vez de produzir uma memória meramente glorificadora, Pepetela constrói uma memória reflexiva, permitindo ao leitor compreender as fragilidades, os desafios e as tensões que acompanharam a formação do Estado angolano. Essa postura crítica reforça a dimensão educativa da sua obra: recordar para repensar e repensar para transformar.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

A infância como espaço de formação moral em *As Aventuras de Ngunga*

Em *As Aventuras de Ngunga*, a infância surge como um momento central de aprendizagem e de construção da consciência moral e cívica. Pepetela apresenta Ngunga não apenas como protagonista da narrativa, mas como um sujeito em formação, cujo percurso educativo reflete a tensão existente entre as heranças coloniais e os valores emergentes do movimento de libertação.

O processo formativo de Ngunga inicia-se no seio da comunidade, mas rapidamente se amplia para o contexto escolar e para a vivência direta da realidade política. Desde cedo, o jovem é confrontado com regras, normas e hierarquias próprias da sociedade colonial, aprendendo a distinguir comportamentos considerados aceitáveis ou inaceitáveis. Contudo, a sua verdadeira educação manifesta-se quando passa a questionar essas normas e a compreender valores como justiça, solidariedade e participação coletiva, fundamentais para a luta pela independência. A alfabetização, o contacto com os livros e o diálogo com adultos mais conscientes funcionam como instrumentos que lhe permitem organizar o pensamento e desenvolver princípios éticos que orientarão a sua atuação futura.

– Eu não sou criança – cortou Ngunga. – Se houver um ataque, não vou chorar nem fugir. Se tiver arma, faço fogo. Se não tiver, posso carregar as armas dos camaradas.

O comandante riu.

– Já viste o fogo dos tugas?

– Então não? Não é pior que o nosso!

Mavinga estava divertido com a conversa. Falou:

– És um rapaz esperto e corajoso. Por isso deves estudar. Chegou agora um professor que vai montar uma escola aqui perto. Deves ir para lá, aprender a ler e a escrever. Não queres? (Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, p. 21).

A narrativa evidencia de forma clara a oposição entre valores coloniais e valores revolucionários. Enquanto o sistema colonial procura moldar o indivíduo para a aceitação da desigualdade, da subordinação e da manutenção do status quo, os valores revolucionários promovem a consciência crítica, a igualdade, a solidariedade e a responsabilidade coletiva. Pepetela contrapõe essas duas perspectivas ao longo das experiências vividas por Ngunga: a disciplina escolar, muitas vezes rígida, contrasta com os ensinamentos que emergem da convivência com militantes e da observação direta da injustiça social. Esse contraste contribui para a formação de uma visão ética e política que ultrapassa a simples instrução formal, ensinando ao jovem a importância de agir em benefício da comunidade e da transformação social.

Dessa forma, a infância de Ngunga deixa de ser apenas uma etapa biológica ou cronológica e

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

transforma-se num espaço pedagógico de construção moral, no qual se aprende a distinguir entre aquilo que perpetua a opressão e aquilo que promove a liberdade. A educação assume, assim, uma função dupla: formar o indivíduo enquanto cidadão crítico e prepará-lo para desempenhar um papel ativo na luta coletiva pela independência e pela justiça social.

Escola formal e pedagogia política

O povo veio com as crianças, e o comandante dirigiu-se a todos, anunciando que a escola já estava pronta e que as aulas poderiam começar. O professor União tinha sido enviado de longe pelo Movimento para ensinar. No tempo do colonialismo, naquela região nunca existira escola, e raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Agora, porém, o povo começava a ser livre. O Movimento, que pertencia a todos, construía a liberdade através das armas, e a escola representava uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo deveria ajudar o MPLA e o professor em tudo, para que o trabalho educativo fosse útil. As crianças precisavam aprender a ler e a escrever e, sobretudo, a defender a Revolução. Para defender bem a Revolução, que existia para o bem de todos, era necessário estudar e ser disciplinado. Assim falou o comandante Mavinga na abertura da escola. Em seguida, discursaram o professor e o presidente do Comité de Ação, o camarada Livanga.

A chinjanguila veio completar a festa, demonstrando que o povo estava contente. (Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, pp. 25-26).

Em *As Aventuras de Ngunga*, Pepetela apresenta a escola como um espaço de instrução formal, mas também como instrumento de pedagogia política. A figura do professor, que inicialmente simboliza a autoridade ligada ao sistema partidário, e a dos militantes revolucionários, que atuam como educadores informais, convergem no processo de formação de Ngunga. Ambos contribuem para ensinar não apenas a leitura e a escrita, mas também a compreensão do sentido da liberdade, da justiça e da solidariedade.

Os militantes do movimento de libertação assumem, assim, um papel educativo fundamental, transmitindo ideais revolucionários e valores éticos. A pedagogia revolucionária manifesta-se como uma educação voltada para a consciência crítica e para a emancipação interior, evidenciando que a verdadeira aprendizagem ultrapassa os limites da instrução formal.

— Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga! (Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, p. 38).

A articulação entre esses dois modos de educação permite a Ngunga integrar conhecimentos formais e consciência política, revelando a educação como via de libertação interior — libertação do

Transformação social vista pela aprendizagem individual

Ngunga despediu-se apenas de Mavinga. Explicou-lhe por que desejava partir em segredo e pediu-lhe que não revelasse a ninguém o seu destino, nem voltasse a falar de Ngunga, como se ele tivesse morrido naquela noite inesquecível. Não revelou sequer o seu novo nome ao comandante. Partiu sozinho em direção à escola. Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga (Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, p. 56).

O percurso de Ngunga exemplifica de forma clara como a aprendizagem individual se articula com a transformação social. O amadurecimento do protagonista funciona como metáfora da formação de um novo cidadão, capaz de interpretar criticamente a realidade que o rodeia e de agir para a transformar. Cada etapa da sua educação, tanto formal quanto política, contribui para a construção de valores éticos e políticos que o preparam para assumir responsabilidades e integrar-se numa comunidade empenhada na conquista da liberdade e da justiça.

Dessa forma, a narrativa evidencia que a transformação social não é um processo abstrato, mas começa na formação do indivíduo. O cidadão consciente e educado surge como o alicerce fundamental de uma sociedade capaz de romper com as estruturas de opressão e de construir projetos coletivos orientados para a liberdade e a justiça social.

A guerrilha como sala de aula

Em *Mayombe*, Pepetela desloca o foco da educação do espaço formal para o contexto da guerrilha, apresentando a floresta como uma verdadeira sala de aula. Nesse cenário, a aprendizagem ocorre de forma contínua e multidimensional, por meio da convivência diária, do debate ideológico e da resolução de conflitos, refletindo uma pedagogia política e social voltada para a formação de militantes e cidadãos críticos.

— Pois aí é que está o mal – disse Sem Medo. – As coisas passam-se entre os responsáveis. Se há roupa suja a lavar, é preciso que o militante não saiba; ela é lavada na capelinha. Fica tudo sempre na capelinha. Como ensinas então os guerrilheiros a criticar e a ser sinceros, e a controlarem os responsáveis, se na prática não lhes dás exemplos? Eu, quando tenho uma coisa a dizer-te, ou ao Das Operações, não vos chamo à capela para criticar, já reparaste? Com vocês deve ser a mesma coisa.

— Isso dizes tu! Mas os guerrilheiros já estão a falar, a dizer que há makas entre nós, que o Comando está dividido. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 72).

A floresta, enquanto espaço da luta armada, assume uma clara função pedagógica: cada tarefa, cada patrulha e cada momento de observação constituem exercícios de aquisição de competências e

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

de interiorização de valores coletivos. Os guerrilheiros aprendem a sobreviver, a respeitar regras de disciplina, a tomar decisões estratégicas e a compreender a importância da solidariedade.

O Comissário estava nervoso, e os seus olhos revelavam falta de à-vontade. Discutir para quê? – pensou Sem Medo. Desenterrar o que já morreu. Os homens gostam de se flagelar com o passado e nunca se sentem contentes sem o fazer. É a incapacidade de pôr uma pedra sobre um facto e avançar para o futuro. Há outros, no entanto, os que não sabem gozar a vida, que só veem o futuro. Incapacidade de sofrer ou de gozar uma situação. Se sofrem, consolam-se pensando que o amanhã será melhor; se são felizes, temperam essa felicidade com a ideia de que ela acabará breve. Eu vivo o presente. Mas o Comissário é um miúdo, cuja personalidade está indecisa entre o passado e o futuro. Poderá talvez aprender a gozar a vida, mas por enquanto ainda necessita de uma explicação. — Vamos – disse Sem Medo.

Sentaram-se sobre um tronco caído, à entrada da Base, com as armas nos joelhos. Muatiânvua vira-os e não despegava os olhos dos dois vultos. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 72).

A aprendizagem na guerrilha é igualmente marcada pelo debate constante. As discussões ideológicas, muitas vezes intensas, funcionam como mecanismos educativos que permitem aos militantes confrontar ideias, rever posições e consolidar princípios éticos e políticos. Pepetela descreve situações em que a convivência e os conflitos internos contribuem para o crescimento individual e coletivo.

— Falas que nem um padre – disse Sem Medo. – Se não acreditaram em ti, pelo menos são suficientemente bem educados para não o mostrarem. Penso que sim, que é preciso repetir ações deste género; este povo pode ser mobilizado. Se tivéssemos aqui uma organização sólida, sim. Mas que queres? Com a organização que temos, com a bandalheira que há, estas ações lembram-me demasiado as promessas do Seminário. É como prometeres a vida eterna no Além, quando na Terra fazes o máximo por tornar a vida insuportável. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 21).

A experiência da guerrilha revela, portanto, uma educação prática e crítica, na qual a instrução não se limita a conteúdos formais, mas integra a aprendizagem pela ação, pela reflexão e pela responsabilidade partilhada. A floresta, os perigos e os desafios convertem-se em instrumentos pedagógicos que moldam a consciência política, a ética e a capacidade de liderança dos protagonistas.

Dessa forma, Pepetela apresenta a guerrilha como um espaço educativo integral, no qual o indivíduo se forma enquanto cidadão consciente e ativo, e onde a educação é indissociável do processo de transformação social proposto pela narrativa.

— Eu? – Sem Medo sorriu. – Eu sou um herético, sou contra a religiosidade da política. Sou

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026**

marxista? Penso que sim, conheço suficientemente o marxismo para ver que as minhas ideias são conformes a ele. Mas não acredito numa série de coisas que se dizem ou se impõem em nome do marxismo. Sou, pois, um herético, um anarquista, um sem-Partido, um renegado, um intelectual pequeno-burguês. Uma coisa, por exemplo, que me põe doente é a facilidade com que vocês aplicam um rótulo a uma pessoa só porque não tem exatamente a mesma opinião sobre um ou outro problema.

— Porque estás sempre a dizer “vocês”, a incluir-me num grupo?

— Porque fazes realmente parte de um grupo: os futuros funcionários do Partido, os quadros superiores, que vão lançar a excomunicação sobre os heréticos como eu. “Vocês” representa todos os que não têm humor, que se levam demasiado a sério e ostentam ares graves para se darem importância.

Sem Medo interrompeu-se. O Comissário esperou a continuação, mas o Comandante parecia ter parado de vez. Acendeu um cigarro e ficou a observar as volutas destacarem-se na noite e perderem-se, mais alto, na escuridão do Mayombe. Muatiânvua continuava a observá-los de longe. Ekuikui aproximou-se dele. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 73).

Confrontos ideológicos como processo educativo

Em *Mayombe*, Pepetela evidencia que a educação no contexto da guerrilha não se limita à instrução prática ou militar, mas inclui o confronto ideológico como um importante instrumento pedagógico. As discussões entre os militantes abordam questões identitárias, culturais e políticas, permitindo que cada membro do grupo compreenda melhor o seu papel individual e coletivo na luta pela libertação. O debate surge, assim, como espaço privilegiado de aprendizagem, no qual se formam consciências críticas e se problematizam os rumos do projeto revolucionário.

— Ora! Vamos tomar o poder e o que vamos dizer ao povo? Vamos construir o socialismo. E, afinal, essa construção levará trinta ou cinquenta anos. Ao fim de cinco anos, o povo começará a dizer: mas esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele. E será verdade, pois é impossível resolver tais problemas, num país atrasado, em cinco anos. E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contra-revolucionários! O que também será verdade, pois qualquer regime cria os seus elementos de oposição. Há que prender os cabecilhas, há que estar atento às manobras do imperialismo, há que reforçar a polícia secreta, etc., etc. O dramático é que vocês terão razão. Objetivamente, será necessário apertar a vigilância no interior do Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. Objetivamente é assim. Mas essas limpezas servirão de pretexto para que homens ambiciosos misturem contra-revolucionários com aqueles que criticam a sua ambição e os seus erros. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á a um ambiente

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026**

policial dentro do Partido e toda a crítica será abafada no seu interior. O centralismo reforça-se, a democracia desaparece. O dramático é que não se pode escapar a isso...

— Depende dos homens, depende dos homens... (Pepetela, *Mayombe*, 1993, pp. 74-75).

As questões identitárias e políticas surgem com frequência nesses diálogos e debates, nos quais se confrontam experiências pessoais, percepções sobre o colonialismo e diferentes visões de futuro para Angola. Esse confronto de ideias constitui um processo educativo fundamental, pois permite aos militantes refletirem criticamente sobre o poder, a organização política e os riscos inerentes ao exercício da autoridade, reforçando a dimensão pedagógica e transformadora da guerrilha descrita por Pepetela.

Educação colectiva e consciência revolucionária

A narrativa de Pepetela demonstra que a educação na guerrilha assume um carácter coletivista, orientado para a construção de uma ética comum e para a formação de uma consciência revolucionária sólida. O grupo aprende a valorizar a solidariedade, a responsabilidade partilhada e o respeito pelas diferenças, elementos fundamentais tanto para o sucesso da luta armada quanto para a transformação social pretendida.

— Os homens? — Sem Medo sorriu tristemente. — Os homens serão prisioneiros das estruturas que terão criado. Todo organismo vivo tende a cristalizar, se é obrigado a fechar-se sobre si próprio, se o meio ambiente é hostil: a pele endurece e dá origem a picos defensivos, a coesão interna torna-se maior e, portanto, a comunicação interna diminui. Um organismo social, como é um Partido, ou se encontra num estado excecional que exige uma confrontação constante dos homens na prática — tal como uma guerra permanente — ou tende para a cristalização. Homens que trabalham há muito tempo juntos cada vez têm menos necessidade de falar, de comunicar, portanto de se defrontar. Cada um conhece o outro e os argumentos do outro; criou-se um compromisso tácito entre eles. A contestação desaparecerá, pois. Onde vai aparecer contestação? Os contestatários serão confundidos com os contra-revolucionários; a burocracia será dona e senhora, com ela o conformismo, o trabalho ordenado mas sem paixão, a incapacidade de tudo pôr em causa e reformular de novo. O organismo verdadeiramente vivo é aquele que é capaz de se negar para renascer de forma diferente ou, melhor ainda, para dar origem a outro. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 75).

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

A formação de uma ética coletiva manifesta-se na disciplina do grupo, na partilha de recursos, na ajuda mútua e na responsabilização perante erros individuais que afetam o coletivo. Cada militante compreende que as suas ações têm consequências para o conjunto, reforçando o sentido de compromisso e de pertença ao projeto revolucionário.

Por fim, Pepetela sublinha que a transformação social constitui o objetivo último da educação revolucionária. A aprendizagem não visa apenas formar indivíduos tecnicamente preparados, mas cidadãos conscientes, capazes de reconstruir Angola com base em princípios de justiça, liberdade e igualdade. A pedagogia da guerrilha articula prática, ideologia e ética, configurando um processo educativo integral que transforma o indivíduo e, por extensão, a sociedade.

Dessa forma, *Mayombe* evidencia que a educação coletiva é inseparável da construção de uma consciência revolucionária, demonstrando que a liberdade política e social depende, necessariamente, da formação ética e crítica dos seus protagonistas.

Convergências

Apesar das diferenças contextuais entre *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe*, ambas as obras partilham convergências significativas no tratamento da educação como instrumento de transformação social, evidenciando padrões pedagógicos e ideológicos comuns.

Em primeiro lugar, observa-se que a educação funciona como forma de emancipação. Em *As Aventuras de Ngunga*, a alfabetização e o contacto com novas ideias libertam o jovem da ignorância imposta pelo sistema colonial, permitindo-lhe compreender as injustiças e agir em conformidade.

– Eu não sou criança – cortou Ngunga. – Se houver um ataque, não vou chorar nem fugir. Se tiver arma, faço fogo. Se não tiver, posso carregar as armas dos camaradas.

O comandante riu.

– Já viste o fogo dos tugas?

– Então não? Não é pior que o nosso!

Mavinga estava divertido com a conversa. Falou:

– És um rapaz esperto e corajoso. Por isso deves estudar. Chegou agora um professor que vai montar uma escola aqui perto. Deves ir para lá, aprender a ler e a escrever. Não queres?

Ngunga ficou silencioso. Escola? Nunca vira. Ouvira falar, isso sim. Era um sítio onde tinha de se estar sempre sentado, a olhar para uns papéis escritos. Não devia ser bom.

– Prefiro ser guerrilheiro. Se não me querem aqui, então vou para outro sítio.

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026**

– Ngunga, tu és pequeno demais para ser guerrilheiro. Aqui já te disse que não podes ficar. Andar só, como fazes, não é bom. Um dia vai acontecer-te uma coisa má. E não estás a aprender nada.

– Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas. Oiço o que falam. Estou a aprender.

– Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor? Diz-me com que é que se parece um professor? Vais conhecer a escola. Eu parto amanhã e tu vais comigo.

(Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, 2002, p. 21).

Em *Mayombe*, a educação emerge sobretudo da experiência prática, do debate e da reflexão ideológica, libertando os guerrilheiros do medo e da passividade diante da opressão. Em ambas as obras, a aprendizagem não se limita à instrução formal, mas envolve a formação de uma consciência crítica capaz de transformar tanto o indivíduo quanto a comunidade.

— Se soubesses como estou cagando para esse prestígio tribal! Se não o faço, não é por isso.

— Porquê então?

— Talvez porque é um gesto de rebelião demasiado forte, talvez exagerado em relação à gravidade do caso. Ou porque tenho uma secreta esperança de que haja outra solução.

— Essa agora! – disse o Comissário. – Se fosse outro, não me admiraria. Mas fico pasmado em ouvir-te falar assim.

— Que queres? Talvez seja menos anarquista do que pensas... E tu, serias homem para dirigir esse levantamento?

— Já pensei nisso também. Seria capaz, se ele nascesse de uma reunião de militantes, se a maioria dos militantes o exigisse. Porque não? O que está em causa é a luta. A nossa última ação mostrou que há condições para a luta alastrar aqui. O que falta é organização. O André está, pois, a sabotar o desenvolvimento da guerra. É um direito dos militantes o de o varrerem. Mas tinha de ser uma decisão tomada pela grande maioria dos militantes.

— Estás a ser demagogo! Sabes bem que a maioria marcharia se nós dois tomássemos posição a favor desse levantamento. Não digas, pois, que te sujeitarias à opinião da massa, se sabes perfeitamente que podes influenciar essa massa. (Pepetela, *Mayombe*, 1993, p. 87).

Outra convergência reside na ligação entre aprendizagem e responsabilidade ética. Ngunga aprende que o conhecimento implica deveres para com os outros e para com a sociedade: ensinar os

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

mais novos ou respeitar normas coletivas são atos éticos. De forma paralela, em *Mayombe*, os guerrilheiros compreendem que cada decisão individual afeta todo o grupo; a educação política e prática reforça, assim, uma ética da responsabilidade coletiva. Em ambas as narrativas, a educação é inseparável da moralidade: ser educado é também ser consciente do impacto das próprias ações.

Por fim, as duas obras convergem na construção do sujeito angolano como projeto. Ngunga representa o cidadão em formação, capaz de integrar valores culturais, sociais e políticos numa identidade crítica. Os guerrilheiros de *Mayombe* simbolizam o mesmo processo em contexto coletivo: cada indivíduo aprende, debate e age em função de um projeto nacional mais amplo. Pepetela propõe, desse modo, que a educação é simultaneamente individual e coletiva, constituindo um instrumento central na formação de um sujeito apto a participar ativamente na transformação da sociedade angolana.

Essas convergências revelam que, apesar da diferença de cenários — infância versus guerrilha, escola versus floresta —, a pedagogia em Pepetela mantém princípios comuns de emancipação, ética e construção da consciência nacional, evidenciando a continuidade de uma visão educativa orientada para a transformação social.

Divergências

Embora *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* partilhem convergências significativas na representação da educação como instrumento de transformação social, surgem também divergências relevantes, relacionadas com o contexto, o tipo de aprendizagem e as experiências dos protagonistas.

A primeira diferença central reside na oposição entre a perspectiva individual e a coletiva. Em *As Aventuras de Ngunga*, a narrativa acompanha o percurso pessoal de um menino em processo de crescimento, centrando-se no seu desenvolvimento moral, intelectual e cívico. A educação apresenta-se como um processo interiorizado, que prepara o indivíduo para agir conscientemente na sociedade. Em contraste, em *Mayombe*, a educação assume um carácter essencialmente coletivo: os guerrilheiros aprendem em grupo, por meio da interdependência e da experiência partilhada. O sujeito é moldado não apenas pelos ensinamentos de uma figura orientadora, mas sobretudo pelas interações constantes com os restantes membros da guerrilha.

Outra divergência importante refere-se ao tipo de educação e às experiências formativas. Ngunga desenvolve-se num ambiente escolar e comunitário, articulando a aprendizagem formal com lições de vida, e enfrenta conflitos de ordem ética e moral próprios da infância e da adolescência. Já em *Mayombe*, a educação ocorre no contexto da guerrilha, através da prática combativa, da disciplina militar e do debate ideológico. Trata-se de uma aprendizagem intensa e imediata, marcada por riscos de vida, decisões estratégicas e confrontos diretos com o inimigo, o que confere à experiência uma dimensão política e social mais aguda.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 14/02/2026 | aceito: 16/02/2026 | publicação: 18/02/2026

Por fim, as obras diferem quanto à idade, à maturidade e ao tipo de conflitos formativos dos protagonistas. Ngunga é uma criança ou adolescente em fase de construção identitária; os desafios que enfrenta são maioritariamente internos e simbólicos, como distinguir o certo do errado, interiorizar valores e compreender as injustiças sociais. Em *Mayombe*, os guerrilheiros são adultos jovens ou maduros, confrontados com dilemas complexos que articulam ética, política e sobrevivência. A educação, neste contexto, é prática, imediata e orientada para a ação coletiva, enquanto em *As Aventuras de Ngunga* predomina uma aprendizagem gradual, reflexiva e formativa.

Deste modo, estas divergências evidenciam que, embora a educação em ambas as obras vise a emancipação e a transformação social, os seus modos de concretização variam de acordo com o contexto histórico, a idade dos protagonistas e os desafios enfrentados. Tal diversidade permite a Pepetela explorar diferentes facetas da pedagogia angolana, desde a formação individual do cidadão até à educação revolucionária de carácter coletivo.

Considerações Finais

A análise comparativa das obras *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* evidencia que Pepetela utiliza a educação como instrumento central de transformação social, manifestando-a através de diferentes contextos e experiências. Em *As Aventuras de Ngunga*, a infância e a escolarização formal funcionam como espaços de formação moral e cívica, preparando o jovem para a compreensão crítica da realidade colonial. Em *Mayombe*, a guerrilha emerge como uma sala de aula coletiva, onde a aprendizagem é prática, ideológica e ética, moldando cidadãos capazes de participar ativamente na luta e na construção de uma sociedade justa.

A presente análise contribui significativamente para os estudos literários e educacionais ao evidenciar a interseção entre narrativa, pedagogia e projetos de nação. Demonstra como a literatura angolana não se limita a representar a realidade histórica, mas intervém na formação de consciências, reforçando a ligação entre ficção, memória e educação como motor de mudança social.

Em suma, Pepetela apresenta uma visão da educação como força transformadora, capaz de formar cidadãos críticos e ativos e de contribuir para a construção de uma Angola consciente do seu passado, responsável no presente e capaz de moldar um futuro mais justo.

Referências

Machado, C. B. (2019). *A construção de um personagem: Pepetela*. In **30º Simpósio Nacional de História**.

Pepetela. (1993). *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote.

Pepetela. (2002). *As aventuras de Ngunga*. Lisboa: Dom Quixote.